

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

JHENIFFER AMANDA DIAS

ACOBRAÇIAS DA LINGUA(GEM): A METÁTESE NO NOROESTE PAULISTA

PONTA GROSSA
2020

JHENIFFER AMANDA DIAS

ACOBRAÇIAS DA LINGUA(GEM): A METÁTESE NO NOROESTE PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Espanhol – na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Língua Portuguesa e Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo

PONTA GROSSA
2020

JHENIFFER AMANDA DIAS

ACOBRAÇIAS DA LINGUA(GEM): A METÁTESE NO NOROESTE PAULISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Espanhol – na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Língua Portuguesa e Linguística.

Ponta Grossa, 18 de dezembro de 2020.

Prof.^a Dr.^a Márcia Cristina do Carmo – Orientadora
Doutora em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.^a Dr.^a Luciane Trennephol da Costa
Doutora em Letras
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.^a Dr.^a Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh
Doutora em Linguística
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico este trabalho à Raquel Gomes Dias, minha mãe. Àquela que nunca impôs limites aos meus sonhos e me ensinou a ter determinação para alcançá-los. Sempre zelosa, amorosa e compreensível, é meu suporte em todos os momentos. A ela, todo o meu amor para sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu meu melhor amigo, ter me abençoado e iluminado meu caminho.

À minha família, minha mãe Raquel, meu irmão Marlon e meu pai Jonas, pelo apoio, incentivo e por acreditarem em mim mais do que eu mesma.

À Dayane, Douglas, Sueli e Karla Daiane, por estarem comigo em todos os momentos, alguns mesmo que à distância, e me mostrarem todos os dias o quanto sou privilegiada por sua amizade.

À Daniely, Ana Paula e Talia, por todos os bons momentos compartilhados durante a graduação, pelas risadas e apoio.

À minha orientadora, professora doutora Márcia Cristina do Carmo, pela paciência, dedicação e suporte durante estes quatro anos. Obrigada por me incentivar, por sempre estar presente, compartilhar seu conhecimento e me apresentar a Fonética e Fonologia e a Sociolinguística.

À professora doutora Pascoalina Saleh, por ter me ensinado tanto durante estes quatro anos, por ter plantado e cultivado a semente da pesquisa acadêmica em mim e pelas contribuições importantes para este trabalho.

À professora doutora Luciane Costa, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o processo fonético-fonológico denominado *metátese* na variedade do noroeste paulista. Por meio desse fenômeno, ocorre a “inversão na ordem linear dos sons sob certas condições” (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 178), como, por exemplo, em *sas.ti.fa.ção*, *pa.tro* e *a.ce.lo.ra*. Essa transposição de segmentos dentro de uma palavra é um fenômeno antigo na língua portuguesa (ARAÚJO, 2011). Embasando-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), que compreende a língua como um sistema heterogêneo, variável e social, é realizada uma pesquisa sincrônica em tempo aparente. Este estudo tem, como objetivo, verificar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos que motivam a presença do fenômeno metátese e, conseqüentemente, contribuir para o mapeamento dos processos fonético-fonológicos do Português Brasileiro. Para a análise, são investigadas 48 entrevistas retiradas do banco de dados IBORUNA (Projeto ALIP - GONÇALVES, 2019 [2007]), que conta com amostras de fala espontânea do interior paulista. Após a seleção das amostras, com o auxílio dos arquivos de transcrição ortográfica do banco de dados, foi realizada uma análise de oitiva dos arquivos sonoros. Coletadas todas as ocorrências de metátese presentes nas entrevistas, procedeu-se à tabulação dos dados. Como resultado, foram encontradas 17 ocorrências (94,4%) de metátese com o rótico /R/, como em *dro.mir*, e uma ocorrência com vogais, *fi.bra.mol.gi.a*, totalizando 18 casos de metátese. Desses casos, 11 são metátese progressiva, seis regressiva e uma recíproca. Observou-se, também, que as 17 ocorrências envolvendo o /R/ são de metátese perceptual, sendo oito tautossilábica e nove heterossilábica. Em relação às variáveis extralinguísticas, o fenômeno teve maior aplicação em informantes do *sexo/gênero* masculino (72% dos casos); com a *faixa etária* superior a 55 anos (78% de ocorrências); e nível de *escolaridade* com o 2º Ciclo do Ensino Fundamental (44%), o que parece fornecer indícios de estigma social e de mudança linguística em detrimento da aplicação do fenômeno.

Palavras-chave: Variação e Mudança Linguística; Fonética e Fonologia; Metátese.

ABSTRACT

This assignment analyzes the phonetic-phonological process named *metathesis* in the variety spoken in the Northwest of São Paulo. Through this phenomenon, there is an “inversion in the linear order of sounds under certain conditions” (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 178, our translation), e.g. *sas.ti.fa.ção* (for *sa.tis.fa.ção* – ‘satisfaction’), *pa.tro* (for *pra.to* – ‘plate’) and *a.ce.lo.ra* (for *a.ce.ro.la* – ‘acerola’). This transposition of segments inside a word is an ancient phenomenon in Portuguese (ARAÚJO, 2011). Based on the assumptions of the Linguistic Variation and Change Theory (LABOV, 2008 [1972]), which comprehends language as a heterogenic, variable and social system, a synchronic research in apparent time is conducted. This study aims to verify possible linguistic and extralinguistic conditioners that motivate the presence of metathesis and, hence, it contributes to the mapping of phonetic-phonological processes in Brazilian Portuguese. To the analysis, 48 interviews from the IBORUNA database (ALIP Project - GONÇALVES, 2019 [2007]), formed of spontaneous speech samples taken from the countryside of São Paulo, are investigated. After the samples selection, with the utilization of orthographic transcription archives from the database, a hearing analysis of the sound archives was conducted. Once all the metathesis occurrences present in the interviews were collected, the data tabulation was conducted. As a result, 17 occurrences (94.4%) of metathesis with the rhotic /R/, e.g. *dro.mir* (for *dor.mir* – ‘to sleep’), and one with vowels, *fi.bra.mol.gi.a* (for *fi.bro.mi.al.gi.a* – ‘fibromyalgia’), were found, totalizing 18 cases of metathesis. From these cases, 11 are classified as progressive, six as regressive and one as reciprocal metathesis. It was also observed that the 17 occurrences involving /R/ are of perceptual metathesis, being eight tautosyllabic and nine heterosyllabic phenomena. In respect of extralinguistic variables, the phenomenon has more substantial application in the speech of masculine sex/gender (72% of the cases); with the age group older than 55 years old (78% of occurrences); and level of education of the second cycle of Elementary Education (44%), which seems to provide evidence of social stigma and linguistic change at the expense of the metathesis application.

Keywords: Linguistic Variation and Change; Phonetics and Phonology; Metathesis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	11
1.2 Metátese.....	14
1.2.1 Aquisição da linguagem	21
1.2.2 Metátese diacrônica.....	24
2 MATERIAL E MÉTODOS	29
2.1 Comunidade de fala.....	29
2.2 Córpus de pesquisa	31
2.3 Variáveis investigadas.....	34
2.4 Passos metodológicos.....	35
3 ANÁLISE DOS DADOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE	53

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) objetiva analisar sincronicamente o processo fonético-fonológico denominado *metátese* no Português Brasileiro (PB), especificamente na variedade falada no noroeste do estado de São Paulo. Por meio desse processo, ocorre a “inversão na ordem linear dos sons sob certas condições” (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 178), como, por exemplo, em *a.ce.lo.ra ~ a.ce.ro.la, pa.tro ~ pra.to, pre.da ~ pe.dra* e *sas.ti.fa.ção ~ sa.tis.fa.ção*.¹

O processo de transposição de segmentos dentro de uma palavra é um fenômeno antigo na língua portuguesa, havendo registros de formas derivadas por metátese desde a passagem do latim para o português, como em *pre.gun.tar ~ per.gun.tar* (ARAÚJO, 2011). Todavia, são escassos os estudos sincrônicos sobre esse processo no PB (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007; HORA; TELLES, 2019) e inexistentes no que tange à variedade do noroeste paulista. Destaca-se, desse modo, o caráter inédito deste trabalho.

Por muito tempo, a metátese foi concebida como um processo aleatório e irregular, correspondente a um mero “erro” de pronúncia, o que tem sido contestado por trabalhos atuais sobre o tema (ARAÚJO, 2011; HORA; TELLES, 2019; HORA; TELLES; MONARETTO, 2007). Com base na literatura, sabe-se que se trata de um fenômeno bastante recorrente na produção da fala de crianças em fase de aquisição da linguagem (HORA; TELLES, 2019), o que suscita a hipótese inicial deste TCC: a de que esse fenômeno ocorre com maior frequência na fala de informantes mais jovens, pertencentes à faixa etária de 7 a 15 anos do banco de dados analisado, posto que ainda não atingiram o denominado *período crítico de aquisição da linguagem*.

Por meio da consideração de diferentes faixas etárias, o presente TCC conduz uma pesquisa *sincrônica em tempo aparente*, embasando-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]). Sincronicamente, Hora, Telles e Monaretto (2007) constataam uma tendência conservadora da metátese no PB. A partir da investigação das ocorrências do fenômeno estudado em manuscritos do PB dos séculos XVII a XXI, os autores afirmam que suas escassas ocorrências decorrem de variedade não-padrão ou de mudanças já lexicalizadas. Diacronicamente, os autores destacam a natureza regular e não aleatória da metátese no PB.

¹ Nos exemplos apresentados neste TCC, o ponto indica *divisão silábica*.

Como *córpus*, são analisadas amostras de fala espontânea retiradas do banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2019 [2007]), resultado do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – Proc. FAPESP 03/08058-6). A escolha pela variedade do noroeste paulista e, conseqüentemente, pela utilização desse banco de dados justifica-se pela ausência de um banco de dados referente à variedade de Ponta Grossa (PR) e pelo preenchimento da lacuna existente em relação a estudos de metátese na variedade do noroeste paulista.²

Do banco de dados IBORUNA, são analisados, nesta pesquisa, dois sexos/gêneros (feminino e masculino); duas faixas etárias (de 7 a 15 anos e acima de 55 anos); e três escolaridades (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Para cada perfil social, foram analisados inquéritos de quatro informantes. A partir da combinação desses fatores sociais (2 x 2 x 3 x 4), totalizaram-se 48 entrevistas investigadas.

A partir da condução desta pesquisa, este TCC busca verificar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos para as ocorrências de metátese na fala espontânea do noroeste paulista, contribuindo para o mapeamento dos processos fonético-fonológicos nessa variedade e, de modo mais abrangente, do PB.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: o capítulo 1 conta com uma discussão inicial acerca da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) e uma descrição do fenômeno estudado, abordando, também, a metátese no período de aquisição da linguagem e sua descrição em estudos diacrônicos; no capítulo 2, apresentam-se a comunidade de fala estudada, informações sobre o banco de dados IBORUNA (Ibilce/Unesp), as variáveis investigadas neste estudo e os passos metodológicos empregados. Por fim, no capítulo 3, é realizada a análise dos dados levantados, seguida pelas considerações finais, pelas referências bibliográficas e pelo apêndice.

² Ademais, destaca-se o fato de o banco de dados IBORUNA já ter passado por Comitê de Ética durante sua constituição, não tendo sido necessária a submissão do presente TCC ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEPG.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente TCC analisa a aplicação do processo fonético-fonológico denominado *metátese* no noroeste paulista, fenômeno que, segundo Hora, Telles e Monaretto (2007), é fortemente regulado por fatores extralinguísticos no PB contemporâneo. Desse modo, utiliza-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) para a consideração de fatores extralinguísticos em relação ao fenômeno variável da metátese.

Neste capítulo, são apresentados dois tópicos que fornecerão auxílio para esclarecer conceitos fundamentais sobre o arcabouço teórico que embasa esta pesquisa. No primeiro tópico (1.1), *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, é realizado um breve apanhado dessa teoria, também denominada *Sociolinguística Variacionista*, proposta por Labov (2008 [1972]). No segundo tópico (1.2), *Metátese*, há uma descrição do processo estudado, além da abordagem de temas específicos sobre o processo, como sua presença no período de aquisição da linguagem e suas descrições feitas a partir de estudos diacrônicos.

1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Como mencionado, esta pesquisa de TCC é teoricamente fundamentada na Sociolinguística laboviana, denominada *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 2008 [1972]),³ que tem, como objeto de estudos, a língua concebida como um sistema heterogêneo, variável e social, cuja “[...] heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (LABOV, 2008 [1972], p. 238). A partir disso, assume-se que a língua apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e que a “língua varia tanto quanto a sociedade varia” (BAGNO, 2015, p. 18).

Para essa teoria, “toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação” (BAGNO, 2015, p. 27). As variantes da língua, muitas vezes consideradas aleatórias, caóticas ou irregulares, possuem uma estrutura interna regada por condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

³ Essa teoria também é denominada *Sociolinguística quantitativa*, “por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (TARALLO, 2003, p. 8).

Segundo Tarallo (2003), as formas linguísticas em variação são classificadas como *variantes linguísticas*, e, a um conjunto de variantes, dá-se o nome de *variável*. De acordo com a Sociolinguística, “nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2015, p. 182). Dessa forma, a escolha do falante por uma ou outra variante obedece a um padrão sistematizado por regras.

[...] À heterogeneidade subjaz um sistema, devidamente estruturado! [...] Heterogeneidade não necessariamente exclui a noção de sistema; ao contrário, sistematicidade e heterogeneidade equacionam-se entre si, em um tipo de relação de 1=1 (TARALLO, 2003, p. 81).

Para o estudo de uma variável linguística, é preciso considerar a vida social da comunidade de fala em que ela ocorre. Como exemplifica Labov (2008 [1972], p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Em vista disso, a concepção de comunidade adotada a define como um conjunto de falantes que compartilham atitudes sociais a respeito da língua. Ao observar a vida social da comunidade, consideram-se as variáveis extralinguísticas, como *escolaridade*, *sexo/gênero*, *faixa etária* e *renda familiar*.

A variável *escolaridade* demonstra a possível influência do grau de instrução do informante na escolha de determinada variante. Em seus estudos, Hora e Henrique (2015) afirmam que essa variável está relacionada ao *status* de prestígio e conservadorismo de determinadas variantes. Para os autores, falantes com alta escolarização tendem a usar as variantes padrão; já os falantes com baixa escolarização costumam usar formas não-padrão. Em relação ao papel da escola na fala das pessoas, Monaretto (1997) declara que:

[...] constata-se quando se prefere uma forma em detrimento de outra, por ser aquela de mais prestígio, utilizada entre interlocutores de classe social privilegiada, e por não ser estigmatizada, sem despertar uma reação negativa. O ensino, pois, desencadeia um processo de identificação de grupos com base no comportamento dos indivíduos, muitas vezes desastroso (MONARETTO, 1997, p. 33).

A variável *sexo/gênero* costuma constatar disparidade entre mulheres e homens no uso da língua. Segundo Labov (2008 [1972], p. 282), as mulheres são mais sensíveis às formas prestigiadas e, quando comparadas aos homens do mesmo grupo socioeconômico ao qual pertencem, “se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais”.

Como explicitam Paiva e Duarte (2013), por meio da variável *faixa etária*, é possível apontar se o fenômeno estudado se trata de *variação estável* ou *mudança em progresso*. A variação estável se dá quando duas variantes possuem frequências relativamente próximas em diferentes faixas etárias. A mudança em progresso ocorre quando as gerações mais novas, em comparação às mais velhas, apresentam uma frequência maior no uso de uma variante, o que, com o passar do tempo, resulta na eliminação da outra variante. As autoras ressaltam que a verificação do *status* da mudança se dá de duas maneiras: (i) pelo estudo em *tempo aparente*, que consiste em um recorte sincrônico de amostra de fala de pessoas de diferentes faixas etárias; (ii) pelo estudo em *tempo real*, podendo ser realizado com uma análise de *curta duração*, em que há um recorte diacrônico de tempo em que os informantes são acompanhados pelo pesquisador, ou de *longa duração*, em que o fenômeno é analisado por meio de registros seculares a partir de textos escritos.⁴

A variável *renda familiar* ou *classe social* indica a ação da classificação econômica no uso da língua, pois “a ocupação de uma pessoa está mais intimamente relacionada a seu comportamento linguístico [...] do que qualquer outra característica social” (LABOV, 2008 [1972], p. 65-66). Para o autor, a classe média-baixa, que costuma não frequentar o ensino superior, tende a ter mais dificuldade com a organização hierárquica da linguagem formal do que os falantes da classe média alta, que começam a ter o contato com a linguagem formal nos últimos anos da escola. Desse modo, a renda familiar costuma estar correlacionada à variável *escolaridade*.⁵

Como já exposto, as variáveis extralinguísticas influenciam diretamente no uso linguístico e, conseqüentemente, essa influência será atrelada à categorização social das variantes como padrão/não padrão, conservadora/inovadora e de prestígio/estigmatizada. De modo geral, a variante “considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade” (TARALLO, 2003, p. 12). É utilizada por uma comunidade de fala que possui prestígio social e teve acesso a uma alta escolarização. A variante não padrão, por outro lado, geralmente é utilizada por sujeitos

⁴ De acordo com Paiva e Duarte (2013), o estudo em tempo real de longa duração apresenta alguns problemas, como, por exemplo, o uso de documentos escritos para a análise do fenômeno, já que não há registros orais de falantes nativos de séculos atrás. Para as autoras, a dificuldade está em saber se o texto escrito representa a língua usada naquela época, pois esses textos, geralmente, apresentam correções em direção à norma padrão.

⁵ Das quatro variáveis extralinguísticas detalhadas, na presente pesquisa, serão consideradas três, a saber: *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*. A justificativa para esse recorte é apresentada no capítulo 2 do presente TCC.

que vivem à margem da sociedade e com menor acesso ao ensino de qualidade. Nesse sentido, seria, ao mesmo tempo, não padrão, inovadora e estigmatizada socialmente.

Portanto, assume-se que não há uma forma correta de se dizer algo, pois “[...] há diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2003, p. 8), e que as variantes – tratadas, muitas vezes, como “erros” – possuem uma estrutura regida por um conjunto de regras.

Utilizando o arcabouço sociolinguístico apresentado, este trabalho investiga aspectos estruturais e sociais que podem condicionar a aplicação de *metátese* no noroeste paulista, processo que, como já mencionado, costumava – equivocadamente – ser considerado aleatório e irregular (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007) e que passa, agora, a ser descrito mais detalhadamente.

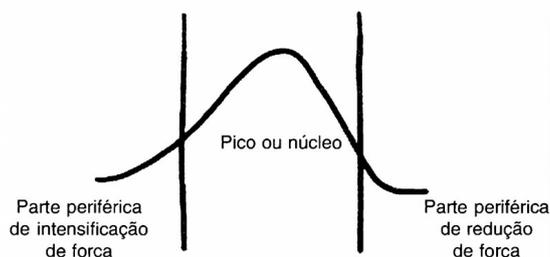
1.2 Metátese

A *metátese*, termo de origem grega que significa *transposição, mudança de lado* (HORA; TELLES; MONARETTO; 2007), pode ser definida como “fenômeno de troca de posições de um segmento dentro de uma palavra” (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 152), ou seja, uma “mudança em que os sons trocam de posições com um outro” (HORA; TELLES, 2019, p. 161), como em *per.gun.ta ~ pre.gun.ta* e *vi.dro ~ vri.do*. Segundo Silva (2011), a metátese é classificada como um processo de *transposição de segmento*, seja ele consoante ou vogal, ocorrendo, sobretudo, na fala coloquial, em vocábulos como *dren.to ~ den.tro* e *lar.ga.to ~ la.gar.to*. Como essa transposição de segmentos tem, como consequência, a reformulação da(s) sílaba(s) em que esse processo é aplicado, faz-se necessário, neste momento, discorrer sobre a estrutura silábica no português.

Na perspectiva articulatória, a noção de sílaba é abordada a partir do mecanismo de correntes do ar pulmonar. Segundo Cristóforo Silva (2017), o ar é expelido sucessivamente por pequenos jatos de ar, sendo que cada jato constitui a base de uma sílaba. “A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força [...]” (CRISTÓFARO SILVA, 2017, p. 76). Para a autora, há três posições na estrutura das sílabas: (i) pico ou núcleo, posição obrigatória e, geralmente, preenchida por vogais; (ii) parte periférica de intensificação da força; e (iii) parte periférica de redução da força. As duas posições periféricas são opcionais, a primeira é ocupada por consoantes

e a segunda por consoantes ou *glides*.⁶ Essa concepção é exemplificada no esquema a seguir:

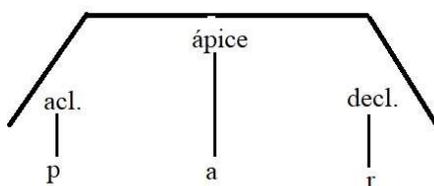
Figura 1 – Esquema do esforço muscular e da curva da força



Fonte: Cristófaró Silva (2017, p. 76)

Outro autor que discorre sobre estrutura silábica é Câmara Jr. (1969). Em seus estudos, o autor afirma que, linguisticamente, a sílaba deve ser vista como um elemento funcional e que “marcam-na aí uma fase ascensional, ou crescente, um movimento de plenitude e uma fase de descensão, ou decrescente” (CÂMARA JR., 1969, p. 26), portanto, possuindo *acrive*, *ápice* e *declive*. A respeito do preenchimento dessas posições, Câmara Jr. (1969) argumenta que o ápice é constituído por uma vogal, o acrive por uma ou duas consoantes e o declive por consoantes (/S/, /R/ e /l/) ou semivogal, como mostra o exemplo a seguir.

Figura 2 – Estrutura silábica com base em Câmara Jr. (1969)



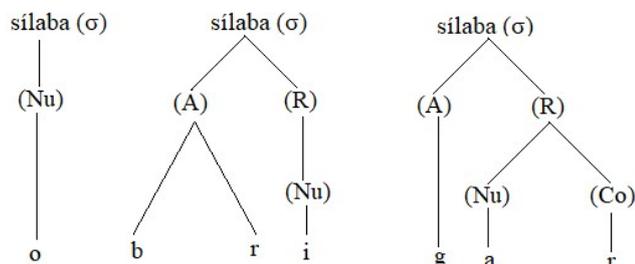
Fonte: Elaboração própria, a partir de Câmara Jr. (1969)

Collischonn (2001), a partir de Selkirk (1982), aborda um modelo de representação da sílaba na qual a estrutura silábica é formada por um ataque (A) e uma rima (R), sendo a rima dividida em núcleo (Nu) e coda (Co). A pesquisadora afirma que

⁶ Os *glides* são semivogais ou “vogais sem proeminência acentual nos ditongos” (SILVA, 2017, p. 74). Como exemplos de *glide* no PB, há *pe[j]xe* e *pa[w]ta*.

o núcleo é a única posição que deve ser obrigatoriamente preenchida. Esse modelo está exemplificado a seguir com o verbo *obrigar*.

Figura 3 – Estrutura silábica



Fonte: Elaboração própria, a partir de Selkirk (1982, *apud* COLLISCHONN, 2001)

O ataque pode ser *simples*, preenchido por uma consoante, ou *complexo*, com duas consoantes. Collischonn (2001) explica que o ataque complexo no português é constituído por uma obstruente seguida de uma consoante líquida.⁷ Porém, não são todas as combinações de obstruente + líquidas que são permitidas no português, como destaca a autora.

Quadro 1- Pares de obstruente + líquidas permitidas no português, na posição de ataque complexo

	Obstruente + /l/	Obstruente + /r/	Exemplos
Labiais	/pl/ /bl/ /fl/ /vl/	/pr/ /br/ /fr/ /vr/	<i>planta/prato</i> <i>blusa/braço</i> <i>flor/fruta</i> <i>vladimir/livro</i>
Alveolares	/tl/	/tr/ /dr/	<i>atlas/trabalho</i> <i>drama</i>
Velares	/kl/ /gl/	/kr/ /gr/	<i>claro/cravo</i> <i>glorioso/grança</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir de Collischonn (2001, p. 100)⁸

Ao discorrer sobre a caracterização da coda, Câmara Jr. (1992) trata as sílabas em que há essa posição preenchida de sílabas *travadas* ou *fechadas*, já as que não possuem são denominadas *livres* ou *abertas*. Afirmo que, no PB, “[...] predominam de muito as

⁷ De acordo com Roberto (2016), as líquidas são um conjunto que engloba vibrantes (/R/) e laterais (/l/ e /ʎ/).

⁸ A autora explica que o par /vl/ só ocorre em alguns nomes, como em *Vladimir*, e que /vr/ não ocorre em início de palavras.

sílabas livres sobre as travadas” (CÂMARA JR., 1992, p. 38). Para o autor, essa posição é constituída por consoantes (/S/, /R/, /l/) ou *glides*.

Segundo Collischonn (2001), por meio da escala de sonoridade, pode-se relacionar um segmento com a posição que ele ocupa na sílaba. Para a autora, o núcleo é ocupado pelo segmento de maior sonoridade, enquanto o ataque e a coda são ocupados pelos elementos de menor sonoridade.

Figura 4 - Escala de sonoridade

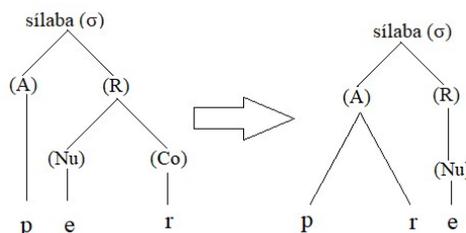
Vogal > Líquida > Nasal > Obstruinte
3 > 2 > 1 > 0

Fonte: Collischonn (2001, p. 101)

Portanto, o núcleo é sempre preenchido por uma vogal. Ademais, quando há mais de um segmento dentro do ataque ou da coda, os segmentos apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo (COLLISCHONN, 2001).

Como já mencionado, o processo de metátese tem, como consequência, a reformulação da estrutura silábica por meio da transposição de um segmento. Como exemplo dessa reformulação por metátese, há a palavra *per.gun.tar*, em que a vibrante muda de posição na sílaba inicial, ficando *pre.gun.tar*. Nesse caso, o segmento deixa a posição de coda e passa para a posição de ataque, formando um ataque complexo, como exemplificado no esquema a seguir.

Figura 5 – Esquema do esforço muscular e da curva da força



Fonte: Elaboração própria

Em relação à representação da regra fonológica da metátese, há duas maneiras de grafá-la, a formal e a informal. Edwards e Shriberg (1983, *apud* HORA; TELLES, 2019, p. 161) afirmam que há várias maneiras de representar a regra fonológica da metátese,

porém a regra informal mais utilizada pode ser escrita como: $C1C2 \rightarrow C2C1$. Por sua vez, a regra formal é exposta por Cagliari (2002), que a apresenta como: $[...r...l...] \rightarrow [...l...r...]$.

Para Hume (2002), a direção da mudança varia de uma língua para a outra, pois uma mesma combinação assume ordens diferentes conforme a língua em uso. Quando observadas interlinguisticamente, algumas combinações de sons resultantes de metátese aparecem em apenas uma ordem. Além disso, as pistas acústicas/auditivas para a identificação das sequências que resultam da metátese são sempre “melhores” do que as da ordem esperada, por serem de mais fácil produção ou percepção (HUME, 2002).

Em seu trabalho, a autora evidencia duas condições que devem ser satisfeitas para que ocorra metátese: (i) a ambiguidade na combinação dos sons no *input*;⁹ e (ii) a ordem dos sons oposta àquela do sinal de *input* deve ser atestada na língua. A primeira prepara o contexto para metátese, enquanto a segunda influencia como o sinal é processado (HUME, 2002). De acordo com Hume (2002), certas combinações de sons têm ordenamento variável em diversas línguas, o que pode acarretar confusão quanto à organização temporal, convergindo, também, nos sons envolvidos na metátese.

Segundo Araújo (2011), o conhecimento dos padrões sonoros influencia, também, o ordenamento sonoro. Sendo assim, para que ocorra a metátese, segundo a autora, deve haver indeterminância no sinal e a ordem dos elementos oposta à que ocorre no *input* deve ser observada ou permitida na língua.

Milke e Hume (2001, *apud* ARAÚJO, 2011) ressaltam que a metátese não compromete o reconhecimento da palavra, devido à prevalência de ocorrência entre segmentos adjacentes. Destacam que esse fenômeno será menos predominante do lado esquerdo do vocábulo, dado que os inícios de palavras tendem a ser “particularmente robustos, capazes de resistir a processos fonológicos e onde, por norma, tanto o acesso lexical como a informação estão ancorados” (MILKE; HUME, 2001, *apud* ARAÚJO, 2011, p. 93).

Os pesquisadores sobreditos afirmam que sequências de consoantes favorecem a aplicação da metátese, pois dois sons ocorrendo no mesmo ambiente e com características de produção semelhantes geram pistas acústicas e auditivas semelhantes, dificultando a identificação dos segmentos. Ademais, acrescentam que os segmentos semelhantes em relação à sonoridade são a maioria dos casos, diferenciando-se no modo e no ponto de

⁹ *Input* corresponde à forma subjacente e *output*, à forma de superfície.

articulação. Grammont (1946, *apud* HORA; TELLES; MONARETTO, 2007) sugere que os segmentos mais sonoros são transpostos para mais próximos do núcleo silábico, enquanto os menos sonoros para próximos de fronteiras silábicas.

Sá Nogueira (1958, *apud* HORA; TELLES; MONARETTO, 2007) classifica a metátese como *progressiva, regressiva e recíproca*. A *metátese progressiva* ocorre quando há o deslocamento do fonema da esquerda para a direita, como, por exemplo, em *pra.to ~ pa.tro*. A *regressiva* corresponde à transposição da direita para a esquerda, como ocorre em *sa.tis.fa.ção ~ sas.ti.fa.ção*. Por fim, quando dois fonemas invertem a posição, ocorre a denominada metátese *recíproca*, como, por exemplo, em *acerola ~ acelora*.

A metátese parece ser frequente entre as líquidas e, segundo Brandão e Callou (2019), a troca entre as líquidas, classificada como *rotacismo*,¹⁰ pode ocorrer por metátese ou dissimilação. Os casos de rotacismo por metátese se dão com a inversão das líquidas no vocábulo, isto é, a metátese recíproca, como o exemplo já citado *a.ce.ro.la*, realizado como *a.ce.lo.ra*. Em relação às ocorrências de *metátese progressiva e regressiva*, Hora, Telles e Monaretto (2007) explicitam que há mais casos com as líquidas não laterais, o rótico, como em *pre.gui.ça ~ per.gui.ça* e *es.tu.pro ~ es.tru.po*, já que a líquida lateral tende a se vocalizar¹¹ em posição de coda no PB.

Blevins e Garret (2004, *apud* HORA; TELLES, 2019) sugerem a categorização da metátese em quatro tipos:

- (i) *Metátese perceptual*, envolvendo traços de longa duração em cadeias multissegmentais que se espraiam sobre uma sequência inteira, possibilitando reinterpretação em posições incomuns, como em *per.gun.ta ~ pre.gun.ta*;
- (ii) *Metátese compensatória*, em que traços de uma sílaba átona deslocam-se para uma sílaba tônica devido ao condicionamento prosódico, como em *tá.bua ~ táu.ba*;
- (iii) *Metátese auditiva*, resultado da separação auditiva do som sibilante do resto da cadeia da fala, como ocorre categoricamente em vocábulos como *hizdaken (*hidzaken)* ('envelhecer') no hebraico moderno (JONES, 2016);
e

¹⁰ O *rotacismo* consiste na troca do /l/ pelo /r/ ou vice-versa, fenômeno recorrente na história da língua portuguesa, especialmente no que diz respeito à realização de uma consoante lateral, como em *b/l/usa*, por uma consoante vibrante, como em *b[r]usa* (COSTA, 2007).

¹¹ Vocalização é a "alteração de uma consoante para vogal" (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 220), como em *me[w]* (para *mel*).

- (iv) *Metátese coarticulatória*, que surge em conjuntos de consoantes com o mesmo modo de articulação, porém pontos de articulação diferentes, como em *apkas ~ akpas* ('agora'), presentes na língua micronésia mokilesa (BLEVINS; GARRET, 2004, *apud* JONES, 2016).

A partir da análise de dados de metátese no PB presentes em diferentes séculos, inclusive no século XXI, Hora, Telles e Monaretto (2007), bem como Hora e Telles (2019), afirmam que não há, no PB, casos de *metátese auditiva e coarticulatória*.

Quanto à *metátese perceptual*, os autores observam que envolve o rótico na segunda posição de ataque complexo ou em coda silábica, podendo ocorrer na mesma sílaba (*tautossilábica*) ou entre sílabas diferentes (*heterossilábica*).

A *metátese perceptual tautosilábica*, como em *car.ví.cu.la ~ cra.ví.cu.la* e *tro.cer ~ tor.cer*, de acordo com os autores, pode ocorrer bidirecionalmente, mas geralmente com movimento à esquerda. Pode ocorrer tanto em sílaba pretônica quanto tônica, mas geralmente no início da palavra, especialmente na primeira sílaba. Em termos de contexto seguinte ao rótico em coda, existe favorecimento da metátese quando a consoante seguinte apresenta o traço [+ contínuo], como em *for.ça ~ fro.ça*.

Já na *metátese perceptual heterossilábica*, o rótico pode ocupar as duas posições mencionadas (coda ou ataque), porém preserva sua posição ocupada na sílaba de origem, como em *po.bre ~ pro.be* e *la.gar.to ~ lar.ga.to* (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007; HORA; TELLES, 2019). Sobre a direcionalidade, tende a se deslocar à esquerda, como mostram os exemplos. Ademais, os autores constatam que o rótico tende a se mover em direção à sílaba tônica em palavras dissílabas, formando ataque complexo. Segundo os autores, exceções a essas regularidades são possíveis, como *do.brar ~ dro.bar* e *es.tu.prar ~ es.tru.par*. Os autores também observaram casos de metátese perceptual heterossilábica envolvendo a fricativa alveolar /s/ em vocábulos com mesma base radical, como em *sa.tis.fa.ção ~ sas.ti.fa.ção* e *sa.tis.fei.to > sas.ti.fei.to*.¹²

Por fim, a *metátese compensatória* envolve antecipação de vogal alta na penúltima sílaba para a posição de coda de sílaba precedente tônica, como em *ar.má.ri.o ~ ar.mái.ro* e *per.pé.tu.a ~ per.péu.ta*. Segundo os autores, trata-se de um processo motivado pelo acento, desfazendo palavras proparoxítonas e hiatos, em prol, respectivamente, de paroxítonas e ditongos.

¹² Segundo os autores, para ambos os tipos de metátese perceptual, o processo é bloqueado quando a migração resultar em sequência silábica malformada na língua, como em *lar.va ~ *tra.va* e *so.frer ~ *sro.fer*.

De modo geral, no que concerne ao PB, Hora, Telles e Monaretto (2007) observam que influenciam a aplicação e a categorização da metátese os seguintes fatores: (i) *direção do segmento*; (ii) *tonicidade do vocábulo*; (iii) *posição da(s) sílaba(s)*; e (iv) *domínio prosódico*. Em relação ao último fator, os autores apontam que a restrição para a ocorrência da metátese é a palavra morfológica, isto é, fronteira de morfema e sequência de palavra e clítico não acarretam metátese.

Em relação a aspectos *extralinguísticos*, Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 187) afirmam que a metátese, no PB, parece estar condicionada pela escolaridade do falante, pois sua aplicação ocorre principalmente no falar de indivíduos pouco escolarizados. Ocorre, também, principalmente em sequências com /p/ e rótico, havendo reestruturação silábica de CCV para CVC, como em *pre.ten.der* ~ *per.ten.der* e *pre.ci.so* ~ *per.ci.so*, contexto que, segundo os autores, parece sofrer estigma social. Além disso, comparativamente, a partir de dados de fala do sul do país obtidos no banco de dados Varsul e dados dos corpora com amostras do Nordeste, os autores constatam que o fenômeno está mais presente nas variedades do PB faladas no Nordeste do que no Sul.

Em relação ao Português Europeu (PE), Araújo (2011) analisou sincronicamente a metátese, valendo-se de gravações de conversas espontâneas e de indução simples, pedindo aos informantes para se posicionarem acerca de determinados temas. Atestou, para o PE contemporâneo, a alta frequência do processo nas formas *contemporaneidade* ~ *contemporaneidade* e, principalmente, *intrepertação/intrepretação* ~ *interpretação*. A autora constata que a metátese é resultado de condicionadores referentes à direcionalidade e a características segmentais e silábicas da língua.

1.2.1 Aquisição da linguagem

Estudos sobre aquisição da linguagem são importantes para a compreensão do processo de metátese, posto que são “simultaneamente elucidativos e representativos de estruturas marcadas vs não marcadas, bem como agentes preditivos face a tendências reveladoras de fatores de mudança” (ARAÚJO, 2011, p. 79).¹³ Como exemplos de metátese presentes no português no período de aquisição da linguagem, Araújo (2011) cita, por exemplo, *u.la* ~ *lu.a*, *fas.cro* ~ *fras.co* e *co.cho.la.te* ~ *cho.co.la.te*. Segundo

¹³ De acordo com Miranda e Matzenauer (2010), a noção de marcação tem sido relacionada também aos padrões de aquisição, pois entende-se que o menos marcado é adquirido antes do mais marcado.

Matzenauer (2009), a aquisição da hierarquia das restrições, a ordem relativa à disponibilização e à estabilização no surgimento de padrões silábicos são centrais no processo de aquisição do sistema linguístico do português. No que tange à aquisição da estrutura silábica do português, Miranda e Matzenauer (2010) demonstram que a progressão no desenvolvimento fonológico de crianças brasileiras ocorre em quatro estágios, como indica o quadro a seguir:

Quadro 2 – Estágios de aquisição das estruturas silábicas

estágio	Estrutura silábica	Exemplo
1º	CV, V	sa.po, á.gua
2º	CVC, VC	fes.ta, es.pe.lho
3º	CCV, CCVC	pra.to, flor
4º	CVCC, VCC, CCVCC	mons.tro, ins.tru.men.to, trans.por.te

Fonte: Miranda e Matzenauer (2010, p. 371)

No que se refere à hierarquia de restrições, Hernandorena e Lamprecht (2000) afirmam que é a partir da estrutura CV que se inicia a integração de outros padrões silábicos no sistema fonológico da criança, sendo os padrões com coda adquiridos gradualmente, dependendo do elemento que preenche a coda e a posição na palavra prosódica. A aquisição dos segmentos acontece de maneira gradual, assim como da estrutura silábica, logo, a aquisição de algumas sílabas da língua depende da aquisição de tipos de segmentos. É importante destacar que, como explica Ribas (2002), não há estágios intermediários na aquisição da estrutura silábica CCV, mas é observada a produção CV durante o período da aquisição e a produção CCV quando a estrutura silábica está adquirida.

De acordo com Lamprecht (1990), é pressuposto que a aquisição de todas as estruturas silábicas seja concluída até os 4 anos de idade, exceto a estrutura CCV (ataque complexo), que atingirá estabilidade aos 5 anos de idade. Apesar de a aquisição ser gradual, esse processo não acontece de forma linear, pois, no percurso da aquisição, há regressões de uso.

Para adequar as realizações do sistema-alvo e contornar as dificuldades presentes no processo da aquisição da linguagem, a criança simplifica suas produções “num movimento natural de adaptação do *output* às suas capacidades” (LAMPRECHT, 2004,

p. 29). Esse movimento é denominado *estratégias de reparo*, ou seja, estratégias para simplificar estruturas que ainda não conhece ou cuja produção não domina.

Lamprecht (2004), em um trabalho sobre aquisição da linguagem, analisa *estratégias de reparo* utilizadas por criança em fase de aquisição. Como mostra a autora, as estratégias utilizadas na aquisição de fricativa em coda são: (i) /s/ *final*: palatalização, epêntese, omissão, dessonorização e alongamento da vogal; (ii) /s/ *medial*: omissão, **metátese**, palatalização e dessonorização. Em relação à metátese, foi constatado que é um processo utilizado em todas as faixas etárias durante a aquisição, exceto aos 3 anos, período em que a fricativa é adquirida, sendo um fenômeno mais comum do que a palatalização e a dessonorização. Como exemplo da estratégia de reparação por metátese, a autora traz *es.ca.da ~ se.ca.da*.

Na investigação da aquisição da líquida não lateral em coda, Lamprecht (2004) salienta que, entre as consoantes que ocupam essa posição, a líquida não lateral é a última a ser adquirida, e as *estratégias de reparo* empregadas são: (i) /R/ *final*: omissão, semivocalização com [j], epêntese, substituição por [l], semivocalização com [w], e **metátese**; (ii) /R/ *medial*: omissão, **metátese**, semivocalização com [w], semivocalização com [j], substituição por [l], substituição por [x], alongamento da vogal, e epêntese. A metátese é uma estratégia que ocorre nas duas posições, porém com baixa proporção em coda final, aparecendo em poucas faixas etárias, enquanto as ocorrências em coda medial aparecem em quase todas as faixas etárias. Como exemplo de metátese da líquida não lateral na posição final, a autora apresenta *a.çú.car ~ a.çúr.ca*. Em relação à líquida na posição medial, ela traz, como exemplo, a palavra *gar.fo ~ gra.fo*.

Com o objetivo de investigar a aquisição do ataque complexo, Ribas (2004) verifica o uso das *estratégias de reparo*, dentre as quais está a metátese. No corpus analisado pela autora, no grupo de ataques complexos realizados com as líquidas, a metátese é o terceiro recurso mais utilizado, com as porcentagens de 0,7% de reparo com a líquida lateral e 0,9% com a líquida não lateral. A pesquisadora complementa que a metátese em ataque complexo ocorre de forma uniforme com relação ao tipo de movimentação das líquidas dos 2 aos 3 anos de idade.

Ainda sobre aquisição da linguagem, deve-se destacar, neste TCC, a noção de *período crítico*¹⁴ de aquisição da linguagem, proposto por Lenneberg (1967).¹⁵ Segundo Lima Júnior (2013), consiste na hipótese de que a aquisição da linguagem ocorre dos dois anos até a idade da puberdade e, após essa fase, a língua do falante fica essencialmente estável. Como explicita o autor, Lenneberg faz uso de estudos neurológicos para justificar a existência de um período crítico, afirmando que:

muitas das mudanças eletroquímicas do cérebro se estabilizam por volta dos 10-12 anos. Além disso, as funções linguísticas são estabelecidas para um dos lados do cérebro e essa lateralização do cérebro [...] se finaliza na puberdade (LIMA JÚNIOR, 2013, p. 227-228).

Portanto, após o *período crítico de aquisição*, a gramática utilizada pelo falante não sofre mudanças significativas, e quaisquer mudanças seriam esporádicas. Além disso, conforme salienta Naro (2013), uma pessoa adulta faz uso de uma gramática adquirida quando tinha, aproximadamente, 15 anos de idade. “Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás [...]” (NARO, 2013, p. 45).

Não obstante, para Araújo (2011), como a essência da gramática da criança é igual à dos adultos, os processos que ocorrem no período da aquisição da linguagem também podem ser encontrados na gramática sincrônica dos adultos.

De acordo com Hora e Telles (2019), a metátese é, historicamente, um fenômeno associado ao período de aquisição da linguagem. Por isso, nesta pesquisa, são consideradas duas faixas etárias, sendo elas: (i) 7-15 anos; e (ii) acima de 55 anos, com o objetivo de verificar se, na variedade estudada, esse processo será mais frequente na fala de informantes em fase de aquisição ou de informantes com a gramática considerada estável.

1.2.2 Metátese diacrônica

Estudos diacrônicos possibilitam a observação dos fenômenos que ocorrem nos diferentes estágios da língua. Especificamente sobre o latim e o português, confirmam que o processo de transposição dos segmentos é um fenômeno antigo na língua

¹⁴ Lima Júnior (2013), a partir dos estudos de Singleton e Ryan (2004), define o *período crítico* como uma terminologia que se refere a uma fase limitada no desenvolvimento de um organismo, durante a qual uma atividade ou competência precisa ser adquirida.

¹⁵ Publicado em sua obra *Biological Foundations of Language*.

portuguesa, como em *pro.be.za* ~ *po.bre.za* (ARAÚJO, 2011). Hora, Telles e Monaretto (2007) afirmam que há registros de metátese da passagem do latim para o português. Alguns desses registros se estabilizaram como a única forma de realização, por exemplo: *fe.nes.tra* ~ *fres.ta*, outros casos mantiveram as duas formas, por exemplo: *en.jo.ar* ~ *e.no.jar*. Apesar de haver registros que mostram a metátese como um importante processo de mudança, segundo Freitas (2005), nem sempre as aplicações resultaram em mudanças definitivas na língua.

Como explicitam Hora, Telles e Monaretto (2007) e Hora e Telles (2019), há ocorrências desse processo na passagem do latim para o português com as consoantes coronais /r, l, n, s/, vogais, *glides* e sílabas, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 3 - Exemplos de metátese

Consoantes	Vogais e <i>glides</i>	Entre sílabas
<i>semper</i> > <i>sempre</i>	<i>ravia</i> > <i>raiva</i>	<i>chantar</i> > <i>tanchar</i>
<i>anhelitu</i> > <i>alento</i>	<i>primariu</i> > <i>primeiro</i>	
<i>sibilare</i> > <i>silvar</i>	<i>capio</i> > <i>caibo</i>	

Fonte: Elaboração própria, a partir de Hora, Telles e Monaretto (2007), Hora e Telles (2019) e Bagno (2012)

Como apontam os autores, deve-se destacar o comportamento das consoantes coronais para a realização da metátese, visto que:

A maior parte de casos de reordenamento ocorre ou apenas com o rótico /r/ ou envolvendo o rótico e a lateral /l/, mas há, no português arcaico, a transposição de /d/, como em *palude* > *padule*, segundo registra Silva Neto (1956, p. 221). Historicamente, os segmentos /l, r, n, d/, além de serem os desencadeadores da metátese, são solidários em outros processos fonológicos, como a dissimilação, evidenciando que os sons envolvidos pertencem a uma classe fonológica e que são influenciados por padrões de língua (HORA; TELLES; MONARETTO, 2007, p. 186).

A partir de dados do português arcaico, destaca-se, particularmente, a recorrência de metátese envolvendo a consoante coronal *liquida vibrante*. Ali (1968, p. 35) afirma que “frequente no português antigo era a metátese de R”, cuja justificativa era a busca pela adjacência em relação a outras consoantes, como /t, p, f/, como em *per.ver.ter* ~ *pre.ve.ter*, *tor.cer* ~ *tro.cer* e *fer.mo.so* ~ *fre.mo.so*. O autor traz outro exemplo de metátese envolvendo o /R/: a palavra *com.pe.tra* ~ *com.pre.ta*, que, em seguida, sofre o

processo de lambdacismo, ficando *com.ple.ta*. Cabe salientar que, como já mencionado anteriormente, o lambdacismo/rotacismo também pode ocorrer por metátese.

Em um estudo de documentos manuscritos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, Hora e Telles (2019) investigaram os casos de metátese ocorridos em comparação a dados atuais, em nove estados brasileiros, considerando as variedades padrão e não padrão. As aplicações de metátese encontradas são apresentadas nos quadros a seguir:

Quadro 4- Ocorrência da metátese tautossilábica

DADOS HISTÓRICOS	Desfazendo onset complexo ccv > cvc	Formando onset complexo cvc>ccv
Séculos XVII, XVIII, XIX Paraíba Salvador Rio de Janeiro Londrina Pernambuco Rio Grande do Norte Minas Gerais Santa Catarina	porferir, perferir pertender pertenderão pertendia percizo(a) logar porvincia	pressistir, premitir pretubação pregunta, pretencer detriminará treseiro fromoso, fremoso trumenta prefazendo premitir, premita precurso
Final do século XIX (Bahia) Mãos Inábeis	percizava percurado, pertendia disfurtarun	preziste, intrevalo preceguido recriço
DADOS ATUAIS	percura perfere	braganha broboleta detreminar drumir, fromiga prefume, trocar frevura, pergunta

Fonte: Hora e Telles (2019, p. 170)

Quadro 5 - Ocorrências da metátese heterossilábica

DADOS HISTÓRICOS	Deslocamento de líquida em onset complexo não local (heterossilábica)	Deslocamento de líquida em coda complexa não local (heterossilábica)	Deslocamento de vogal (núcleo→coda) local (heterossilábica)
Final do século XIX (Bahia) Mãos Inábeis	apretexos		
Final do século XX (1916-1924) Rio Grande Do Norte		largata	
DADOS ATUAIS	vrido vrinage vridaça gragena preda predeiro croba trige estrupar beflar pegriçoso	cardaço largatixa largata iorgute sastifeito	tauba estauta raido oido vigairo histoira armairo

Fonte: Hora e Telles (2019, p. 171)

Como resultado, os autores constataram que a *metátese tautossilábica* é a mais frequente, tanto na variedade padrão quanto na não padrão, em oposição à *metátese heterossilábica*, considerada quase inexistente após a ocorrência de apenas um dado, *la.gar.ta ~ lar.ga.ta*. Por outro lado, ao comparar os dados dos períodos históricos com o período atual, eles observaram “uma incidência considerável de metátese heterossilábica” (HORA; TELLES, 2019, p. 171).

Hora, Telles e Monaretto (2007, p. 189) afirmam que registros de séculos passados de textos oficiais e, portanto, representantes da variedade padrão, indicam que a metátese variável era encontrada inclusive na variedade *culta*, “particularmente antes da institucionalização do ensino no país, quando fatores externos ganham força na regulação da norma”. Não era, portanto, condicionada por fatores extralinguísticos como *escolaridade*, por exemplo, diferentemente do que ocorre no PB contemporâneo, como mencionado anteriormente.

Como já descrito, a metátese é um fenômeno antigo no PB, tendo registro desde a passagem do latim ao português, sendo classificada como um processo de mudança

(HORA; TELES, 2019). Apesar de os estudos diacrônicos serem importantes para a observação do fenômeno nos diferentes estágios da língua, esta pesquisa realiza uma análise *sincrônica*, para verificar o *status* da metátese como um fenômeno variável presente no PB atual. Além disso, optou-se por uma investigação sincrônica porque são escassos os estudos sincrônicos a respeito desse processo.

Passa-se, no próximo capítulo, à apresentação do material e dos métodos utilizados durante a condução desta pesquisa.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Como já mencionado, esta pesquisa analisa ocorrências de metátese na comunidade de fala do interior paulista. Segundo Labov (2008 [1972]), uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. Essas normas e atitudes podem ser verificadas, dentre outros fatores, “pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Neste capítulo, são apresentadas informações acerca (i) da comunidade de fala analisada (seção 2.1); (ii) do banco de dados IBORUNA (seção 2.2); (iii) das variáveis investigadas (seção 2.3) e (iv) dos passos metodológicos seguidos para o levantamento de dados (seção 2.4).

2.1 Comunidade de fala

No presente trabalho, são analisadas amostras de fala espontânea do noroeste paulista, mais precisamente da região de São José do Rio Preto. Essas amostras são extraídas do banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2019 [2007]), resultado do Projeto ALIP. Essa região administrativa é formada por 96 municípios e possui uma extensão territorial de 25.442,04 Km², o que corresponde a 10% do território paulista.

Figura 6 - Mapa das regiões administrativas do estado de São Paulo



Fonte: *Site* Folha de S. Paulo¹⁶

¹⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u78790.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), dentre as 16 regiões administrativas do estado, São José do Rio Preto ocupa a 10ª posição no *ranking* de riqueza, com um nível de riqueza abaixo do estadual, e a 1ª posição em relação à longevidade e à escolaridade, superando as médias estaduais. Em 2010, a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais era de 5,95% e a porcentagem de pessoas com ensino médio completo entre 18 e 24 anos de idade era de 62,08%.

De acordo com os dados fornecidos pela fundação, em 2020, a região possui, em média, 1,5 milhão de habitantes, totalizando 3,5% da população do estado de São Paulo, dentre os quais 65,26% estão em idade produtiva, isto é, entre 15 e 59 anos. O índice geométrico de crescimento anual de população é de 0,66%, a média de habitantes com menos de 15 anos é de 16,21% e acima de 60 anos é de 18,53%.

Em 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) de São José do Rio Preto foi estimado em R\$ 50.979.110,97 e o PIB *per capita*, em R\$ 33.806,22. Dentre os empregos formais, o setor de Serviços obteve o maior percentual, com 41,98% de participação no total de empregos formais da região. Segundo a Fundação SEADE, o *ranking* da média percentual do rendimento médio mensal das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes é liderado pelas pessoas que possuem entre um e dois salários mínimos, com 32,8%; na última posição estão as pessoas com mais de dez salários mínimos, com 2,84%.

Em relação ao Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS),¹⁷ publicado em 2016, foi constatado que, dos 96 municípios da região administrativa de São José do Rio Preto, 12 cidades pertencem ao grupo 1, com bons indicadores de riqueza, longevidade e escolaridade. Outros 7 municípios estão classificados no grupo 2, com alta riqueza e indicadores sociais insatisfatórios. O grupo 3 contém 57 cidades, qualificadas com baixa riqueza e bons indicadores sociais. Com 17 municípios, o grupo 4 é caracterizado por baixa riqueza e apenas um dos indicadores sociais considerado satisfatório. Por fim, no grupo 5, estão apenas duas cidades com os três indicadores insatisfatórios.

Feita a exposição das características socioeconômicas da região cuja variedade é analisada, passa-se, agora, à apresentação do *corpus* desta pesquisa.

¹⁷ O IPRS é um Índice de Desenvolvimento Humano, com o objetivo de analisar o grau de desenvolvimento social e econômico estadual em três dimensões: *riqueza, escolaridade e longevidade*.

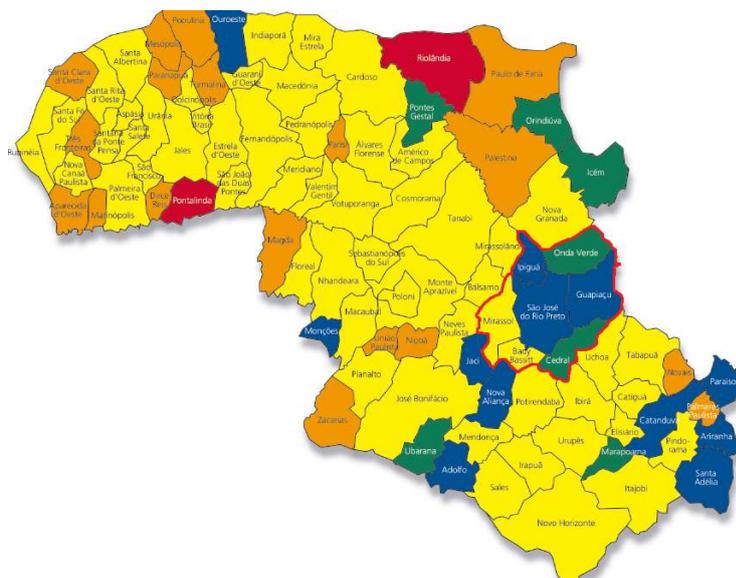
2.2 Córpus de pesquisa

A complexa tarefa de obtenção de córpus para a análise sincrônica da metátese, destacada por Araújo (2011, p. 93), torna-se ainda maior quando se busca investigar esse fenômeno a partir de amostras de fala espontânea. Isso se justifica pelo fato de a metátese não apresentar um contexto linguístico específico para sua aplicação, como usualmente ocorre com outros processos variáveis, como a ditongação diante de /S/ em coda silábica, como em *trê[j]s* ~ *trêØs* (cf. CARLOS; CARMO, 2018), e o apagamento de /R/ também em coda, como em *fa.la[.ɹ]* ~ *fa.láØ*, por exemplo (cf. CARMO; TABORDA, 2019). Sendo assim, para a realização deste TCC, fez-se necessária a análise de todos os vocábulos de 48 inquiridos com amostras de fala espontânea do interior paulista.

Essas entrevistas foram extraídas do banco de dados IBORUNA¹⁸ (GONÇALVES, 2019 [2007]), resultado do Projeto ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6), sediado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Sob a coordenação do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Ibilce/Unesp), o IBORUNA conta com amostras de fala espontânea de informantes de sete dos 96 municípios que compõem a região administrativa de São José do Rio Preto: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipirigatã, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. O mapa a seguir mostra a localização desses municípios na região administrativa considerada.

¹⁸ Segundo Gonçalves (2019), Iboruna significa rio preto em Tupi guarani.

Figura 7 - Mapa dos municípios da região de São José do Rio Preto



Fonte: Fundação SEADE¹⁹

O banco de dados IBORUNA é composto por dois tipos de amostras: (i) *Comunidade (ou Censo – AC)*; e (ii) *Interação Dialógica (AI)*.²⁰ Na primeira categoria, foram coletadas amostras de fala espontânea por meio de cinco tipos de relatos:

(i) *narrativa de experiência pessoal*, envolvendo relatos de fato pessoal alegre ou triste; (ii) *narrativa recontada*, com reprodução de fato alegre ou triste ocorrido com outrem, sem envolvimento do informante; (iii) *texto descritivo*, baseado em descrição de local; (iv) *relato de procedimentos*, baseado em experiências que exijam procedimentos ordenados; (v) *relato de opinião*, abordando temáticas variadas (GONÇALVES, 2019, p. 287).

Por sua vez, a AI é constituída por 11 amostras de conversações/diálogos, com dois a cinco informantes, em contextos livres de interação social.

Para este estudo, são utilizadas as entrevistas pertencentes à AC, devido ao fato de, nela, os informantes estarem organizados a partir de sua estratificação social. A AC conta com amostras de fala espontânea de 152 informantes, estratificados socialmente da seguinte forma:

¹⁹ Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/arquivos/iprs/2016/SJRioPreto.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

²⁰ Outras informações estão disponíveis em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 24 nov. 2019.

Quadro 6- Entrevistas que compõem a AC do banco de dados Iboruna

Renda / gênero Faixa etária / escolaridade		25+ salários mínimos		11- 24 salários mínimos		6-10 salários mínimos		5- salários mínimos	
		Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
7 a 15 anos	1º. Ciclo EF	001	002	003	004	005	006	007	008
	2º. Ciclo EF	009	010	011	012	013	014	015	016
	Ens. Médio	017	018	019	020	021	022	023	024
16-25 anos	1º. Ciclo EF	025	026	027	028	029	030	031	032
	2º. Ciclo EF	033	034	035	036	037	038	039	040
	Ens. médio	041	042	043	044	045	046	047	048
	Superior	049	050	051	052	053	054	055	056
26-35 anos	1º. Ciclo EF	057	058	059	060	061	062	063	064
	2º. Ciclo EF	065	066	067	068	069	070	071	072
	Ens. médio	073	074	075	076	077	078	079	080
	Superior	081	082	083	084	085	086	087	088
36-55 anos	1º. Ciclo EF	089	090	091	092	093	094	095	096
	2º. Ciclo EF	097	098	099	100	101	102	103	104
	Ens. médio	105	106	107	108	109	110	111	112
	Superior	113	114	115	116	117	118	119	120
55+ anos	1º. Ciclo EF	121	122	123	124	125	126	127	128
	2º. Ciclo EF	129	130	131	132	133	134	135	136
	Ens. médio	137	138	139	140	141	142	143	144
	Superior	145	146	147	148	149	150	151	152
Legenda			BAD		OND		IFI		QUA
			CED		MIR		SJP		

Fonte: Gonçalves (2019, p. 286)

Das entrevistas expostas no quadro 6, para a exequibilidade desta pesquisa, são analisadas 48 (correspondentes a 31,6% da AC), relativas às seguintes *faixas etárias*:

- (i) De 7 a 15 anos (inquéritos 001-024); e
- (ii) Acima de 55 anos (inquéritos 121-144).

Desse modo, além da variável extralinguística *faixa etária*, são considerados, também, o *sexo/gênero* (feminino e masculino); e a *escolaridade* (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Desse modo, totalizam-se 48 inquéritos.

Como explica Carmo (2013), durante a constituição do banco de dados, foram encontradas dificuldades na localização de informantes de determinados perfis sociais. Uma das hipóteses para essa dificuldade seria o entrecruzamento das variáveis *renda*

familiar e escolaridade, “o que fez com que a Coordenação do Projeto ALIP decidisse afrouxar os fatores referentes à variável renda familiar” (CARMO, 2013, p. 112-113). Devido a esse afrouxamento, apesar da consideração de quatro informantes para cada perfil social, a variável *renda familiar* não será considerada neste estudo.

A escolha pela variedade do noroeste paulista e, conseqüentemente, pela utilização do banco de dados IBORUNA justifica-se pela ausência de um banco de dados com amostras de fala espontânea pertencentes à variedade de Ponta Grossa (PR), local do desenvolvimento desta pesquisa de TCC. Além disso, o projeto ALIP já passou por Comitê de Ética durante a constituição do banco de dados IBORUNA, não sendo necessária a submissão do projeto deste TCC ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEPG.²¹

2.3 Variáveis investigadas

Como já destacado, a presente pesquisa leva em consideração três variáveis independentes extralinguísticas: (i) *faixa etária*; (ii) *sexo/gênero*; e (iii) *escolaridade*.

A investigação da *faixa etária* justifica-se com base na hipótese inicial do presente TCC, já apresentada anteriormente, referente à presença mais frequente da metátese na faixa etária de 7 a 15 anos, por esses falantes ainda não terem atingido o período crítico de aquisição da linguagem (HORA; TELLES, 2019), como apresentado no capítulo 1 deste trabalho.

A variável *sexo/gênero* foi selecionada para analisar se o processo estudado é mais frequente em pessoas do sexo/gênero feminino ou masculino, pois “diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 348). Como já mencionado no capítulo 1, as mulheres, quando comparadas aos homens, costumam evitar as variantes estigmatizadas socialmente. Sendo assim, por meio da investigação do *sexo/gênero*, pode-se verificar eventual estigma em relação ao fenômeno variável analisado.

A escolha da variável *escolaridade* se deu com base nos estudos de Araújo (2011), Hora e Telles (2019) e Hora, Telles e Monaretto (2007). Historicamente, a *metátese* costumava ser relacionada unicamente à fala de crianças no período de aquisição da

²¹ Mais informações sobre o CEP/UEPG em: <https://www3.uepg.br/propesp-cep/>. Acesso em: 8 fev. 2020.

linguagem. Porém, os autores supracitados afirmam que esse fenômeno é motivado, também, pelo grau de escolaridade do informante. Ou seja, “no PB, parece que o processo de transposição de sons está relacionado à escolarização, principalmente, pois a sua realização ocorre preferencialmente em informantes com poucos anos de escolarização” (HORA; TELLES, 2019, p. 169), tendo em vista que “não se trata da forma padrão” (ARAÚJO, 2011, p. 89). A investigação dessa variável visa observar eventual influência da escolaridade na realização da metátese, podendo apontar, também, indícios de estigma social em relação ao processo.

2.4 Passos metodológicos

Para esta pesquisa, são utilizadas entrevistas pertencentes à *Amostra Censo* do banco de dados IBORUNA, apresentada anteriormente. O banco de dados conta com amostras de fala espontânea de 152 informantes, das quais foram selecionados 48 inquéritos,²² com base nas variáveis extralinguísticas já expostas.

Após a seleção das 48 amostras, com o auxílio dos arquivos de transcrição ortográfica do banco de dados, foi realizada a *análise de oitiva* dos arquivos sonoros. Cabe destacar que esta pesquisa não conduziu *análise acústica* por meio de *softwares* específicos, como o PRAAT, pelo fato de o banco de dados IBORUNA não apresentar qualidade suficiente para tal análise. Isso decorre dos ruídos presentes nos inquéritos, os quais foram conduzidos a partir de uma metodologia sociolinguística que objetivava coletar o *vernáculo* do informante, isto é, “a língua falada em situação natural de comunicação” (TARALLO, 2003, p. 88), quando não se polícia nem se presta atenção ao *modo* como se fala. Portanto, as gravações não foram realizadas em cabine com isolamento acústico – a qual poderia causar certo desconforto ao informante – e, assim, apresentam ruídos.

Devido ao número de casos de metátese encontrados e à própria natureza do fenômeno, esta pesquisa não é feita nos moldes tradicionais da pesquisa sociolinguística laboviana, não sendo necessária a utilização de um programa estatístico para a análise de dados.

²² Esses 48 inquéritos totalizam 23 horas e 30 minutos de gravação.

Coletadas todas as ocorrências de metátese presentes nas 48 entrevistas, por fim, procedeu-se à tabulação das ocorrências em relação às variáveis extralinguísticas investigadas.

A partir desses procedimentos, foi conduzida a análise dos dados, a qual passa, no próximo capítulo, a ser apresentada.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Após o levantamento das ocorrências de metátese presentes nas 48 entrevistas, foram encontrados 18 dados, sendo 17 ocorrências com o rótico /R/ e um caso envolvendo vogais. Os dados estão apresentados, em ordem alfabética, no quadro a seguir.²³

Quadro 7 - Ocorrências de metátese

VOCÁBULO	OCORRÊNCIAS
<i>A.co.bra.ci.a (a.cro.ba.ci.a)</i>	2
<i>Co.rá²⁴ (co.ar)</i>	1
<i>Dro.mir (dor.mir)</i>	1
<i>Fi.bra.mol.gi.a (fi.bro.mi.al.gi.a)</i>	1
<i>Mons.tor (mons.tro)</i>	1
<i>Po.bre.ma (pro.ble.mã)</i>	7
<i>Por.por.ção (pro.por.ção)</i>	1
<i>Pro ou.tro (por ou.tro)</i>	1
<i>Pro.que (por.que)</i>	3
TOTAL	18

Fonte: Elaboração própria

Dos dados levantados, como já mencionado, 17 (94,4%) foram casos de metátese envolvendo o rótico /R/, como em *a.co.bra.ci.a*. Esse resultado está em conformidade com a afirmação de Hora, Telles e Monaretto (2007) de que o maior número de casos de transposição de segmento ocorre com o /R/, porque, segundo os autores, a líquida é um dos desencadeadores de metátese, com especial destaque ao rótico, já que a líquida lateral tende a sofrer vocalização em contexto de coda em muitas variedades do PB.

Dos 17 casos de metátese com a líquida não lateral, 76,4% envolvem, como contexto, os segmentos /t p/, como em *por.que ~ pro.que*, assim como destacado em relação à metátese diacrônica. Como apresentado na fundamentação teórica deste TCC, segundo Ali (1968), no português antigo, a metátese com o /R/ era justificada pela busca

²³ No apêndice desta monografia, são apresentados os contextos das 18 ocorrências nas transcrições ortográficas dos inquiridos em que foram realizadas.

²⁴ Realizado foneticamente com o apagamento de /R/ em coda silábica: *coráØ*. Por fugirem do escopo deste trabalho, não estão representadas, no quadro, as aplicações de outros processos fonético-fonológicos nos vocábulos, como o *alçamento vocálico* (ocorrido, por exemplo, em *dr[u].mir*).

por adjacência a outras consoantes, como /t p f/, como em *per.ver.ter* ~ *pre.ver.ter*, formando, assim, ataque complexo.

Em relação à categorização de Sá Nogueira (1958, *apud* HORA; TELLES, 2019), que se refere à direção da transposição do segmento no vocábulo, foram encontrados:

- (i) 11 ocorrências de *metátese progressiva*, transposição da esquerda para a direita (*a.co.bra.ci.a*, *mons.tor*, *po.bre.ma* e *por.por.ção*);
- (ii) Seis casos de *metátese regressiva*, deslocamento da direita para a esquerda (*co.rá*, *dro.mí*, *pro ou.tro* e *pro.que*);
- (iii) Um caso de *metátese recíproca*, ocorrendo a inversão dos segmentos (*fi.bra.mol.gi.a*).

Essas ocorrências podem ser mais bem visualizadas no quadro a seguir.

Quadro 8 - Casos de metátese de acordo com a direção

PROGRESSIVA		REGRESSIVA		RECÍPROCA	
VOCÁBULO	OCORRÊNCIAS	VOCÁBULO	OCORRÊNCIAS	VOCÁBULO	OCORRÊNCIAS
<i>a.co.bra.ci.a</i>	2	<i>co.rá</i>	1	<i>fi.bra.mol.gi.a</i>	1
<i>mons.tor</i>	1	<i>dro.mir</i>	1		
<i>po.bre.ma</i>	7	<i>pro ou.tro</i>	1		
<i>por.por.ção</i>	1	<i>pro.que</i>	3		
TOTAL	11	TOTAL	6	TOTAL	1

Fonte: Elaboração própria

Com a transposição dos segmentos, houve a reestruturação das sílabas envolvidas nos dados classificados como metátese progressiva e regressiva. Nos casos de metátese progressiva, em *a.co.bra.ci.a*, ocorre a reformulação de duas sílabas, em que a sílaba de origem deixa de ser ataque complexo e passa a ser ataque simples (*cro* > *co*) e a sílaba que recebe o segmento deixa de ser ataque simples, tornando-se ataque complexo (*ba* > *bra*); já em *mons.tor* e *por.por.ção* o ataque complexo é desfeito e a posição de coda é preenchida (*tro* > *tor* e *pro* > *por*), transformando a sílaba aberta em sílaba fechada.

Na última ocorrência de metátese progressiva, *po.bre.ma*, a transposição desfaz o ataque complexo na sílaba de origem (*pro* > *po*), porém a sílaba que recebe o segmento continua como ataque complexo e o /l/ é substituído pelo [r], processo denominado *rotacismo* (*ble* > *bre*).

Cabe destacar que, como resultado da ressilabação, nos casos em que a metátese desfaz o ataque complexo e preenche a posição de coda, em *mons.tor* e *por.por.ção*, o rótico deixa de ser pronunciado foneticamente como tepe e passa a ser realizado como retroflexo, variante utilizada, na variedade analisada, em contexto de coda silábica.

Nas ocorrências de metátese regressiva, em *dro.mí*, *pro ou.tro* e *pro.que*, a reestruturação silábica acontece porque o rótico deixa de preencher a posição de coda e passa a formar um ataque complexo (*dor > droØ*, *por > proØ*); no caso de *co.rá*, o /R/ sai da posição de coda e preenche a posição de ataque, formando um ataque simples (*Øar > raØ*). Em todos os casos de metátese regressiva, a reformulação altera a estrutura silábica de sílaba travada para livre.

Como já mencionado no capítulo 1 desta monografia, segundo Collischonn (2001), o ataque complexo no português é formado por uma obstruinte seguida de uma líquida, contudo não são todas as combinações de obstruinte + líquidas que são permitidas. Por isso, é importante ressaltar que, em todos os quatro casos em que a metátese forma o ataque complexo, ocorrem combinações de obstruinte + líquidas permitidas no português: *bra* (por exemplo, em *bra.ço* e *co.bra*), *bre* (*bre.chó* e *co.bre*), *dro* (*dro.ga.ri.a* e *qua.dro*) e *pro* (*pro.te.ger* e *com.pro*).

Outra classificação que deve ser retomada é a de Blevins e Garret (2004, *apud* HORA; TELLES, 2019), os quais categorizam a metátese em: *perceptual*, que envolve traços que se espalham sobre uma sequência inteira; *compensatória*, quando traços de uma sílaba átona se movem para sílaba tônica devido ao condicionamento prosódico; *auditiva*, resultado da separação do som sibilante; e *coarticulatória*, que surge em conjuntos de consoantes com o mesmo modo de articulação e diferentes pontos articulação.

Como já afirmado, de acordo com os autores, no PB não há casos de metátese auditiva e coarticulatória. Nos dados encontrados nesta pesquisa, também não há nenhuma ocorrência de metátese compensatória. Das 18 ocorrências, há 17 casos de metátese perceptual, totalizando 94,4% dos casos. Todos os dados de metátese perceptual são com o rótico /R/, em concordância com a afirmação de Hora e Telles (2019) e Hora, Telles e Monaretto (2007) de que no PB há mais casos de metátese perceptual com a líquida não lateral.

Dos 17 casos citados, oito ocorrências correspondem à metátese perceptual *tautosilábica*, na mesma sílaba, e nove de metátese perceptual *heterossilábica*, em sílabas diferentes. Esses casos estão apresentados a seguir.

Quadro 9 - Metátese Perceptual

TAUTOSSILÁBICA	HETEROSSILÁBICA
<i>pro.por.ção ~ por.por.ção</i>	<i>a.cro.ba.ci.a ~ a.co.bra.ci.a</i>
<i>mons.tro ~ mons.tor</i>	<i>pro.ble.ma ~ po.bre.ma</i>
<i>por.que ~ pro.que</i>	
<i>por ou.tro ~ pro ou.tro</i>	
<i>dor.mir ~ dro.mir</i>	
<i>co.ar ~ co.rá</i>	

Fonte: Elaboração própria

Sobre as ocorrências de *metátese perceptual tautossilábica*, especificamente no que diz respeito à estruturação silábica, em *por.por.ção* e *mons.tor*, a metátese ocorre na sílaba átona, reestruturando a sílaba que sofre o processo, desfazendo o ataque complexo e preenchendo a posição de coda (CCV > CVC). No primeiro caso, ocorre em sílaba pretônica inicial, no segundo caso, dá-se a metátese na postônica. Como explicam Hora e Telles (2019), dentre os casos de metátese, é comum a transposição de segmento em sequências /p/ + rótico, resultando na reestruturação silábica de CCV para CVC, contexto que, segundo os autores, parece sofrer estigma social.

Os casos *pro.que*, *pro ou.tro* e *dru.mi* também acontecem em sílaba átona. No que tange a *pro outro*, a metátese ocorre em um elemento clítico,²⁵ que, devido à sua “proeminência acentual fraca” (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 74), associa-se a um *hospedeiro*, no caso, o vocábulo seguinte “outro”, passando a funcionar como uma sílaba pretônica. Nos três dados, a transposição do /R/ desfaz a posição da coda e transforma o ataque simples em ataque complexo (CVC > CCV).

Na palavra *co.ar*, a metátese ocorre na sílaba tônica, reformulando a estrutura silábica, visto que a posição de coda deixa de ser preenchida, e a posição do ataque, subjacentemente vazia, passa a ser ocupada (VC > CV), sendo realizada como *co.rá*.

Para Hora, Telles e Monaretto (2007) e Hora e Telles (2019), a metátese perceptual tautossilábica pode ocorrer bidirecionalmente, mas geralmente com movimento à esquerda e, preferencialmente, em início de palavras. Os dados apresentados nesta pesquisa, de modo geral, corroboram essa afirmação, posto que a *metátese perceptual tautossilábica* ocorre em direção tanto para a direita quanto para a esquerda,

²⁵ *Clítico* corresponde a um monossílabo átono que apresenta “independência gramatical, mas é fonologicamente dependente de um elemento adjacente” (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 74).

mas preferencialmente para a esquerda (regressiva), com 75% dos casos. No que se refere à tonicidade, realiza-se majoritariamente em sílabas átonas, com cinco ocorrências em sílaba átona e uma em sílaba tônica. Em relação à estrutura silábica, constatou-se que houve o mesmo número de ocorrências de transposição do segmento que desfez o ataque complexo e ocupou a coda quanto casos em que deixou a coda e formou o ataque complexo. Por fim, verificaram-se 66,6% casos em sílabas iniciais.

Em relação às ocorrências de *metátese perceptual heterossilábica*, em *a.co.bra.ci.a*, a transposição da líquida não lateral preserva a posição de ataque complexo (*cro > bra*). Nesse caso, as duas sílabas envolvidas são pretônicas e o /R/ se transpõe para a sílaba mais próxima à sílaba tônica.

Nas ocorrências de *po.bre.ma*, a metátese ocorre quando o segmento /R/ desloca-se para a sílaba tônica, mantendo a posição de ataque complexo ocupada na sílaba inicial (*pro > bre*). Nesse caso, além da metátese, também há o fenômeno da troca das líquidas, denominado *rotacismo*. Isso pode ser afirmado tendo em vista que o rótico /R/ não apenas troca de posição, mas também substitui a líquida lateral /l/. Como já mencionado no capítulo 1, para Brandão e Callou (2019), o rotacismo ocorre por metátese ou dissimilação.

Hora e Telles (2019) e Hora, Telles e Monaretto (2019) explicam que, na *metátese perceptual heterossilábica*, a transposição do segmento preserva a posição ocupada na sílaba de origem e tende a se deslocar para a esquerda. Em conformidade com essa afirmação, os dados apresentados mostram que foi preservada a posição da sílaba original de ataque complexo, porém a transposição ocorre em direção à direita (progressiva), com 100% de ocorrências. No que se refere à tonicidade, a líquida não lateral deslocou-se tanto para a sílaba tônica quanto para a sílaba átona.

Tendo em vista o número total de ocorrências, há mais casos de metátese *heterossilábica* do que *tautossilábica* nesta pesquisa, ao contrário do que demonstram Hora e Telles (2019), ao realizarem uma análise diacrônica da metátese. No entanto, cabe destacar que sete ocorrências correspondem a um só vocábulo (*po.bre.ma*), o que aponta para a relevância da *frequência* (BYBEE, 2001) do item lexical para a variação e mudança do fenômeno investigado, o que é deixado para futuras pesquisas.

Como apresentado, encontrou-se um dado envolvendo vogais, mais especificamente a vogal baixa /a/ e a média-alta posterior /o/, em *fi.bra.mol.gi.a* para *fi.bro.mi.al.gi.a*. Nesse caso, partiu-se da hipótese de que o informante considerou as vogais de /mi.al/ como um ditongo crescente /ja/, e, por isso, houve a monotongação desse

ditongo.²⁶ Após a monotongação, ocorreu a inversão dos segmentos, caracterizada como *metátese*. Pode ter ocorrido, também, analogia com o vocábulo *fibra*, de maior frequência na língua portuguesa do que *fibromialgia*, termo técnico da área da saúde. Hume (2002) destaca que palavras frequentes na língua têm maior probabilidade de serem acessadas mais facilmente devido à repetição, enquanto palavras menos usadas tendem a perder força e tornam-se mais difíceis de acessar, facilitando o reordenamento. Novamente, ressalta-se que a investigação da atuação da frequência dos itens lexicais em relação à metátese é deixada para estudos futuros.

É importante destacar que a ocorrência de *fi.bra.mol.gi.a* não pode ser classificada como nenhuma das quatro categorizações (*metátese perceptual, compensatória, auditiva e coarticulatória*) apresentadas por Blevins e Garret (2004, *apud* HORA; TELLES, 2019). Portanto, a literatura atual da área parece não conseguir classificar esse dado.

Em relação às variáveis extralingüísticas, as 18 ocorrências foram obtidas nos falares de informantes com os perfis sociais ilustrados no quadro seguinte:

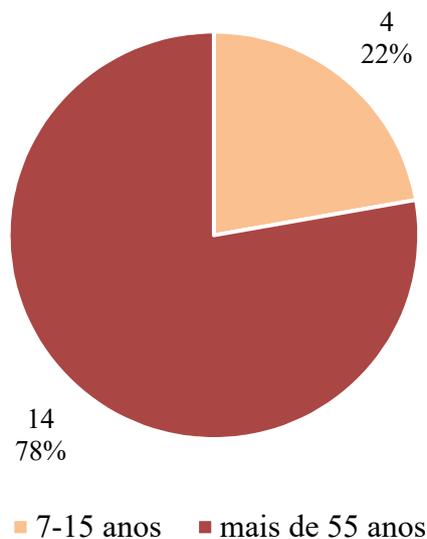
²⁶ Como apresentado em Hora (2012), há registro de monotongação de ditongos crescentes, como, por exemplo, em *ciência*, que passa a ser realizado como *ciên[sa]*.

Quadro 10 - Ocorrências de acordo com os perfis sociais

DADO	SEXO/GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
<i>A.co.bra.ci.a (a.cro.ba.ci.a)</i>	Masculino	7-15 anos	2° Ciclo do EF
<i>A.co.bra.ci.a (a.cro.ba.ci.a)</i>	Masculino	7-15 anos	2° Ciclo do EF
<i>Co.rá (co.ar)</i>	Feminino	+55 anos	Ensino Médio
<i>Dro.mir (dor.mir)</i>	Feminino	7-15 anos	1°Ciclo do EF
<i>Fi.bra.mol.gi.a (fi.bro.mi.al.gi.a)</i>	Feminino	+55 anos	2° Ciclo EF
<i>Mons.tor (mons.tro)</i>	Masculino	7-15 anos	2° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	2° Ciclo EF
<i>Po.bre.ma (pro.ble.ma)</i>	Masculino	+55 anos	Ensino Médio
<i>Por.por.ção (pro.por.ção)</i>	Masculino	+55 anos	1° Ciclo do EF
<i>Pro ou.tro (por ou.tro)</i>	Feminino	+55 anos	2° Ciclo EF
<i>Pro.que (por.que)</i>	Masculino	+55 anos	2° Ciclo EF
<i>Pro.que (por.que)</i>	Masculino	+55 anos	2° Ciclo EF
<i>Pro.que (por.que)</i>	Feminino	+55 anos	Ensino Médio

Fonte: Elaboração própria

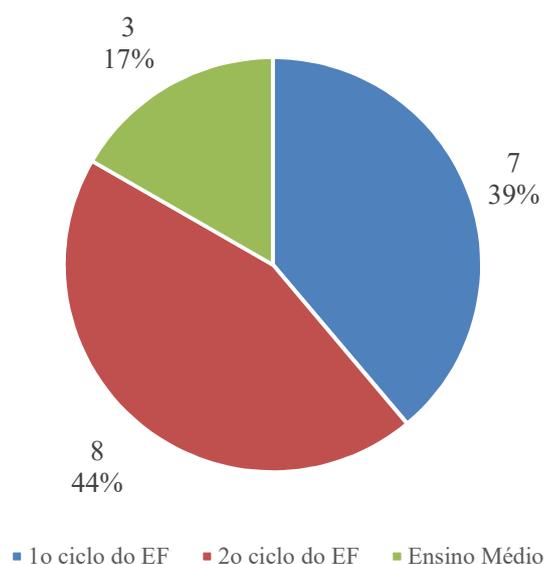
No que tange à variável *faixa etária*, foram analisadas as seguintes: (i) 7-15 anos; e (ii) mais de 55 anos. Como resultado, verificou-se que houve mais ocorrências na fala de informantes com mais de 55 anos do que de informantes entre 7 e 15 anos, com 78% e 22%, respectivamente, resultado ilustrado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Metátese em relação à *faixa etária*

Fonte: Elaboração própria

Esse resultado refuta a hipótese inicial deste trabalho, isto é, a de que a metátese seria mais frequente na fala de pessoas mais jovens. Tal resultado explicita que o fenômeno não está atrelado à aquisição da linguagem. A princípio, poderia indicar, também, que a metátese estaria em desuso na variedade do interior paulista, resultado minimizado pelo número escasso de ocorrências levantadas. Portanto, para a observação mais detalhada do *status* desse fenômeno como um caso de *variação estável* ou de *mudança em progresso* na variedade considerada, faz-se necessária a ampliação do *cópus*, com a investigação das faixas etárias intermediárias, por exemplo, o que é deixado para futuras pesquisas.

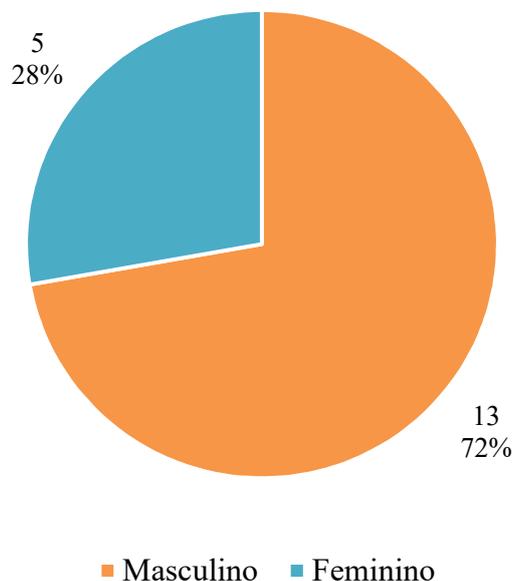
Em relação à variável *escolaridade*, como já mencionado neste trabalho, foram analisados três níveis de escolaridade: (i) primeiro ciclo do Ensino Fundamental; (ii) segundo ciclo do Ensino Fundamental; e (iii) Ensino Médio. Como resultado, observou-se que esse processo teve mais aplicação no falar de informantes com o segundo ciclo do Ensino Fundamental, com 44%, seguido por entrevistados com primeiro ciclo do Ensino Fundamental, com 39%, e, por fim, informantes com o Ensino Médio, com 17%, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Metátese em relação à escolaridade

Fonte: Elaboração própria

Como mencionado no capítulo 1 deste TCC, Araújo (2011), Hora e Telles (2019) e Hora, Telles e Monaretto (2007) afirmam que a metátese é motivada pela *escolaridade* do informante, sendo mais recorrente na fala de informantes menos escolarizados. Na presente pesquisa sobre a variedade do interior paulista, esse resultado é, de certa forma, corroborado, pois houve índices relativamente próximos para os dois ciclos do Ensino Fundamental (39% e 44% para, respectivamente, primeiro e segundo ciclos) e taxa significativamente menor para o Ensino Médio (17%). Por sua vez, esse resultado indicia, também, certo grau de estigma social em relação à aplicação da metátese. Deve-se destacar, aqui, que, de acordo com Brandão e Callou (2019), o rotacismo também ocorre por metátese e que, como explica Bagno (2015), fenômenos como rotacismo caracterizam as variedades não-padrão do PB, sendo alvo de preconceito linguístico. Para a confirmação ou refutação dos resultados referentes à *escolaridade*, recomenda-se a realização de pesquisas futuras, que considerem, por exemplo, informantes analfabetos e com Ensino Superior completo ou em andamento.

No que se refere à variável *sexo/gênero*, foram analisados dois *sexos/gêneros*, feminino e masculino. Como resultado, constatou-se que o processo estudado é mais frequente em informantes do *sexo/gênero* masculino do que informantes do *sexo/gênero* feminino, com 72% e 28%, respectivamente. Esse resultado pode ser mais bem visualizado no gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 - Metátese em relação a *sexo/gênero*

Fonte: Elaboração própria

Como explica Labov (2008 [1972]), a variável *sexo/gênero* possui um papel importante no mecanismo da evolução linguística, uma vez que as mulheres costumam evitar as variantes que sofrem estigma social, quando comparadas aos homens da mesma classe socioeconômica. Como apontado na análise da variável *escolaridade*, a metátese parece possuir certo grau de estigma na variedade do interior paulista, resultado corroborado por meio da variável *sexo/gênero*, posto que as mulheres aplicam a metátese com menor frequência do que os homens.

Feita a análise dos dados em relação aos contextos linguísticos e extralinguísticos que envolvem as 18 ocorrências deste estudo, parte-se, no próximo capítulo, para as considerações finais do presente TCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou o processo fonético-fonológico *metátese* na variedade falada no noroeste do estado de São Paulo, com o objetivo de verificar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos para as ocorrências da metátese.

A literatura compreende a metátese como um fenômeno bastante recorrente na produção da fala de crianças em fase de aquisição da linguagem (HORA; TELLES, 2019), e, a partir dessa afirmação, considerou-se, como hipótese inicial desta pesquisa, a de que esse fenômeno ocorreria com maior frequência na fala de informantes mais jovens, pertencentes à faixa etária de 7 a 15 anos, posto que ainda não atingiram o denominado *período crítico de aquisição da linguagem*.

Este trabalho iniciou com um uma breve discussão acerca do arcabouço teórico que embasa esta pesquisa. Foram abordados os conceitos da Teoria da Variação e Mudança proposta por William Labov (2008 [1972]) e, em seguida, uma descrição do fenômeno estudado e de temas específicos relacionados à metátese, como aquisição da linguagem e estudos diacrônicos sobre o fenômeno. Logo após, foram apresentadas informações sobre a comunidade de fala, o banco de dados IBORUNA, as variáveis investigadas e os passos metodológicos. Por fim, deu-se a análise dos dados.

Como resultado, foram encontrados 18 casos de metátese nas 48 entrevistas investigadas. Das 18 ocorrências, houve 17 casos envolvendo o rótico /R/ e uma ocorrência com vogais. O resultado referente ao rótico era esperado, posto que, enquanto consoante líquida - assim como a lateral /l/ -, pode preencher os contextos silábicos tanto de coda quanto de segunda consoante em ataque complexo. A líquida lateral, todavia, tende a ser vocalizada em coda silábica em muitas variedades do PB, como em *a[w].ma* e *la.te.ra[w]*, o que pode restringir sua atuação na metátese.

A partir da classificação de Sá Nogueira (1958, *apud* HORA; TELES, 2019), encontraram-se 11 ocorrências de metátese progressiva (*a.co.bra.ci.a*, *mons.tor*, *po.bre.ma* e *por.por.ção*), seis casos de metátese regressiva (*co.rá*, *dro.mí*, *pro ou.tro* e *pro.que*) e uma ocorrência de metátese recíproca (*fi.bra.mol.gi.a*).

Com base na categorização de Blevins e Garret (2004, *apud* HORA; TELLES, 2019), foram encontradas 17 ocorrências de metátese perceptual, totalizando 94,4% dos casos, todos com a líquida vibrante /R/, não havendo casos de metátese auditiva, coarticulatória e compensatória. Dos casos citados, oito ocorrências correspondem a

metátese perceptual tautossilábica, na mesma sílaba, e nove de *metátese perceptual heterossilábica*, em sílabas diferentes.

Os dados apresentados demonstram que a *metátese perceptual tautossilábica* ocorreu preferencialmente para a esquerda (regressiva), com 75% dos casos. No que se refere à tonicidade, realizou-se majoritariamente em sílabas átonas. Em relação à estrutura silábica, houve o mesmo número de ocorrências de metátese que desfez o ataque complexo e preencheu a coda quanto casos em que o segmento deixou a coda e formou o ataque complexo. Por fim, verificaram-se 66,6% casos em sílabas iniciais.

Já com a *metátese perceptual heterossilábica*, os dados apresentados mostraram que foi preservada a posição da sílaba original de ataque complexo. Todas as ocorrências de transposição do /R/ nessa categoria foram em direção à direita. No que se refere à tonicidade, a líquida não lateral deslocou-se tanto para a sílaba tônica quanto para a sílaba átona.

No caso de *fi.bro.mi.al.gi.a*, partiu-se da hipótese da inversão das vogais baixa /a/ e média-alta posterior /o/, após o monotongação de /mi.al/, considerado um ditongo crescente pelo informante. É importante destacar que essa ocorrência não pode ser classificada como nenhuma das quatro categorizações - metátese perceptual, compensatória, auditiva e coarticulatória - apresentadas por Blevins e Garret (2004, *apud* HORA; TELLES, 2019), portanto, a literatura não parece conseguir classificar esse dado.

Quanto às variáveis independentes extralinguísticas, foram investigadas *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*. Para o *sexo/gênero*, como resultado, verificou-se que houve maior frequência de metátese (72%) no falar de informantes do *sexo/gênero* masculino do que no falar do *sexo/gênero* feminino (28%). Em relação à variável *faixa etária*, constatou-se maior aplicação em entrevistados com mais de 55 anos do que de 7 a 15 anos, com 78% e 22%, respectivamente. Esse resultado refuta a hipótese inicial desta pesquisa de que o fenômeno ocorreria sobretudo no falar de informantes da faixa etária mais jovem, ou seja, de 7 a 15 anos. No que se refere à variável *escolaridade*, obtiveram-se 39% de aplicação de metátese em informantes com 1º Ciclo do Ensino Fundamental, 44% de casos com 2º Ciclo do Ensino Fundamental e 17% de ocorrências em entrevistados com Ensino Médio. Portanto, houve maior número de casos com falantes com 2º Ciclo do Ensino Fundamental.

Em síntese, a maior aplicação de metátese ocorreu em entrevistas de falantes do *sexo/gênero* masculino, com mais de 55 anos e com o nível de *escolaridade* do 2º Ciclo do Ensino Fundamental, o que parece indicar, para o interior paulista, estigma social em

relação à metátese, a qual pode estar em vias de desuso. No entanto, para que esses resultados sejam corroborados ou refutados, faz-se necessária uma investigação de um corpúsculo maior, tendo em vista a baixa frequência do fenômeno, sendo analisados outros fatores que não foram englobados na presente pesquisa, como o Ensino Superior e como as faixas etárias intermediárias, por exemplo.

De qualquer forma, ao preencher a lacuna em relação à descrição sincrônica da metátese no interior paulista, espera-se que o presente estudo contribua para o mapeamento dos fenômenos fonético-fonológicos variáveis presentes no PB contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

ARAÚJO, M. J. Visão sobre a metátese: da aquisição à linguagem adulta. **ElingUp**, v. 3, n. 1, p. 78-99, 2011.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BLEVINS, J.; GARRETT, A. The evolution of metathesis. *In*: HAYES, B; KIRSCHNER, R; STERIADE, D. (Ed.). **Phonetically based phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BRANDÃO, S. F.; CALLOU, D. Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do Português Brasileiro. *In*: HORA, D.; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (Coord.). **História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 34-59.

BYBEE, J. B. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CÂMARA JR, J. M. **Problemas de linguística descritiva**. 13. ed. Petrópolis. Vozes, 1969.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CARLOS, V. G.; CARMO, M. C. Ditongação variável diante de /S/ em coda silábica na fronteira Brasil/Paraguai. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 238-254, jul.-dez. 2018.

CARMO, M. C. **As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista**. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2013.

CARMO, M. C.; TABORDA, I. R. Apagamento de /R/ em coda silábica na variedade do interior paulista. **Letras Escreve**. Macapá, v. 9, n. 3, p. 39-51, 2. sem. 2019.

COLLISCHONN, G. A sílaba no português. *In*: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 91-123.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FREITAS, M. M. Metátese e hipértese em manuscritos do século XVIII. *In: Filologia Linguística Portuguesa* 7: 2005, p. 119-128. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59719>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>. Acesso em: 20 nov. 2019 [2007].

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 276-297, abr. 2019.

HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. A hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do Português. **Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN**. 2000. Disponível em: http://inforum.insite.com.br/arquivos/8920/anais_con2nac_tema160.pdf. Acesso em: 3 abr. 2020.

HORA, D. Monotongação de ditongos crescentes: realidade linguística e social. *In: LOBO, T.; et al. (Org.). Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 349-356.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. L. Como as restrições sociais e estruturais compõem a identidade do falante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, p. 96-104, dez. 2015.

HORA, D.; TELLES, S. Metátese. *In: HORA, D.; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (Coord.). História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 160-177.

HORA, D.; TELLES, S.; MONARETTO, V. N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, 2007.

HUME, E. Predicting metathesis: the ambiguity/attestation model. **Mid-Continental Workshop on Phonology**, Indiana University, 2002.

JONES, K.S. **Metathesis of Stop-Sibilant Clusters in Modern Hebrew**: a perceptual investigation. The University Of Arizona. 2016.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMPRECHT, R. R. **Perfil da aquisição normal da fonologia do Português. Descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1990.

LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA JÚNIOR, R. M. A hipótese do período crítico na aquisição de língua materna. **Revista (Con)Textos Linguísticos.** v. 7, n. 9, 2013.

MATZENAUER, C. L. A sílaba e a emergência de consoantes na aquisição da linguagem. **Anais do 6º Encontro CELSUL,** 2009.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. M. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. **Cadernos de Educação,** Pelotas: UFPEL, v. 35, p. 359-405, 2010.

MONARETTO, V. N. O. **Um reestudo da vibrante:** análise variacionista e fonológica. 1997. 213 f. Tese (Doutor em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 1997.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. *In:* MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: observações no tempo real. *In:* MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

RIBAS, L. P. **Aquisição do onset complexo no português brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

RIBAS, L. P. Sobre a Aquisição do Onset Complexo. *In:* LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROBERTO, M. **Fonologia, fonética e ensino:** guia introdutório. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

SILVA, F. M. Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa. **Littera online.** v. 2, n. 4, 2011.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

APÊNDICE

Neste apêndice, são contextualizados os 18 dados analisados nesta pesquisa, sendo identificados seus respectivos inquéritos e os trechos das transcrições ortográficas em que aparecem.

INQUÉRITO	DADO	TRECHO
AC-008	<i>Dromir</i>	“[...]eu resolvi com meus pais, perguntei se eles deixaram e eles deixaram... aí eu fiquei muito feliz, fui dormir super ansiosa, é pra que queria muito que chegasse aquele dia [...]”
AC-013	<i>Monstor</i>	“[...]beneficiar os ataques...aumentando os gol, os ataques e tem as cartas com efeito que é um tipo de carta que quando um monstro ataca ativa o efeito que pode ou destruir [...]”
AC-015	<i>Acobracia</i>	“[...]seu personagem tem um valor e tem as perícias também né?... perícia é quando você sabe fazer alguma coisa tipo acrobacia , salto é karatê, se você sabe fazer alguma coisa então você vai montando sua ficha né? [...]”
AC-015	<i>Acobracia</i>	“[...]de você saber lutar, salto, acrobacia essas coisas aí, é coisa física...então a mental era mais cara né? porque usa a mente e a perícia física era mais [...]”
AC-121	<i>Porporção</i>	“Doc.: mas por exemplo se eles ganham aumento vocês também ganham? Inf.: ganha... na proporção do salário né?”
AC-123	<i>Pobrema</i>	“[...]então tinha um/ dois grupos de jogadores né? eu tinha um problema numa perna, tenho a perna mecânica e da minha equipe eu era uns do que tinha mais facilidade pra jogar [...]”
AC-125	<i>Pobrema</i>	“[...]enquanto são todos irmãos tão tudo em casa... é uma coisa... aí já entra uma pessoa na família, uma cunhada ou um cunhado, aí já tem um pequeno problema ... foi o que aconteceu na minha.”
AC-125	<i>Pobrema</i>	“[...]e o Lula, eu acho que o Lula escolheu umas coisas erradas, eu acho que o problema do Lula foi esse aí... escolheu algumas pessoas desonesta [...]”
AC-127	<i>Pobrema</i>	“[...] mas a gente num tem muita sorte com com os prefeito daqui... porque inclusive vários deles já deu muito problema , assim, é porque veja bem a política daqui [...]”
AC-127	<i>Pobrema</i>	“[...]quer ir contra, então num ajuda... então Mirassol é aquele negócio, é já houve vários problema aqui, inclusive até de cassação de mandato dos prefeito aqui de Mirassol [...]”
AC-130	<i>Pro outro</i>	“[...]cada dia ele trazia uma coisa diferente pra mim e eu não gostava dele, eu gostava de outro, era eu nossa era apaixonada por outro e eu não gostava dele, aí esse que eu gostava tava pra São Paulo [...]”

AC-130	<i>Fibramolgia</i>	“Aí quando eu tô c’aquela dor na perna que eu tenho fibromialgia , então...eu chego lá eu ponho uma perna na outra e num faço questão não chega freguesa eu mando meu neto [...]”
AC-133	<i>Pobrema</i>	“[...] ela ficou onze anos com esse tipo de problema então a gente passou muitos momentos assim [...]”
AC-135	<i>Pruque</i>	“[...]a gente ficava muito triste, ela ficava triste, então agora ela fala pra gente... porque ... ela sofreu tanto mas nunca abandonou nós... então ela conta essas história [...]”
AC-135	<i>Pruque</i>	“[...]não, eu acho que pode ter chance de mudar mas acho que vai é um processo muito demorado porque é muito complicado ainda mais aqui [...]”
AC-139	<i>Pobrema</i>	“[...] acho que ele fez uma boa gestão né? dele né? em vista da cidade que tava nuns buraco, precária, problema de água Cidade, abandonada que o Caboclo deixou abandonada e muita dívida eu acho que [...]”
AC-140	<i>Pruque</i>	“[...] as mulheres separadas lá nos quarto dela os homens pro outro lado, aí a gente chega lá é bom porque desce no mar que eu nunca tinha visto também pela primeira vez [...]”
AC-140	<i>Cora</i>	“[...]o sabugo a gente raspa ele c’uma colher, aí pega uma casquinha aquela parte tem que cora ... éh coár... na peneirinha grossa, porque pega muito fiapinho né? [...]”